

POR UMA PRIMAVERA NOS MUSEUS LGBT: ENTRE MUROS, VERGONHAS NACIONAIS E SONHOS DE UM NOVO PAÍS

252

Jean Baptista¹
Tony Boita²

MUSEOLOGIA & INTERDISCIPLINARIDADE Vol. 7, nº 13, Jan./ Jun. de 2018

Ao retornarmos de uma viagem de férias no verão de 2017-2018, encontramos pichado o muro de nossa casa. “VIADOS”, lia-se em letras garrafais.

De algum modo, alguém achou que seria importante comunicar não apenas aos transeuntes que ali vivem homossexuais, ainda que sejamos um casal público em nosso bairro, como também desejava nos alertar que a família que construímos não é bem-vinda no bairro onde vivemos.

De imediato, lembramos quando o presidente da Associação de Homossexuais do Acre (Ahac), Germano Marin, encontrou em uma manhã de 2014 letras gigantes em seu muro assegurando que “Deus abomina os Gays” e “Vamos matar os gays”. Lembramos, também, quando em 2015 o estudante universitário Ramom Habitsenther, então com 21 anos, deparou-se com os dizeres “Bichona” no muro de sua casa. Rememoramos o casal de Campo Grande que, ao retornar do trabalho, encontrou os dizeres “vão morrer gays” em seu muro, em 2016. Há outros milhares de casos do mesmo teor não noticiados. O movimento fóbico não cessa. Qualquer muro do Brasil é um potencial espaço de manifestação de ódio fóbico aos LGBT.

Trata-se, portanto, de uma prática usual no Brasil, de uma característica da cultura brasileira que atravessa os séculos, que marca a memória de qualquer um de nós LGBT, mais uma das centenas de estratégias praticadas por ultraconservadores na vã esperança de terem saciadas as repressões sexuais que vivenciam.

Pois sim, além das pichações dos muros, há ainda os xingamentos nas ruas (BAPTISTA; BOITA, 2017), as difamações no ambiente de trabalho (GARCIA, SOUZA, 2010), a escolaridade comprometida (VENTURI, 2008) e a ameaça ao direito à vida (FERNANDEZ, 2010) de qualquer LGBT. De fato, branco ou preto, rico ou pobre, das capitais ou dos interiores, de dia ou a noite, em casa ou na rua, nenhum LGBT brasileiro está seguro no país que mais mata pessoas desse perfil no mundo (MOTT; MICHELS; PAULINHO, 2017, p.1).

Em outras palavras, quando picham nossos muros, quando nos xingam na rua, quando nos desqualificam pela nossa sexualidade ou pelo nosso afeto, quando nos espancam ou nos matam, não somos nós que passamos vergonha — é o país.

Atesta-se, assim, de muro em muro, que a diversidade enquanto característica da nação, tão celebrada pelos grandes brasilianistas, nada mais é do que

1 Doutor em História, Professor do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás.

2 Museólogo e Mestrando em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás, coordenador do projeto Memória LGBT.

um mito historiográfico. Do ponto de vista LGBT, o Brasil é um país tão atrasado quanto qualquer inferno terrenal onde impera o ódio.

Como tudo pode piorar, 2017 nos mostrou que o ultraconservadorismo brasileiro não tem limite. A oposição surgida à exposição *QueerMuseu*, realizada no Santander Cultural de Porto Alegre, trouxe os ataques para dentro das exposições de arte, algo a encantar as antigas divisões hitleristas de controle da arte. Diversos grupos de extrema direita também se reuniram contra a filósofa Judith Butler, chegando ao ponto de queimarem uma boneca com seu rosto ao grito de “queimem a bruxa”, para depois a hostilizarem no aeroporto pouco antes de partir. Um retorno à sombria Idade Média, disseram alguns. Discordamos: nada de novo no fronte: há séculos nos queimam. “Só quem já morreu na fogueira sabe o que é ser carvão”, já cantou Rita Lee.

Se a leitora ou leitor chegou até este ponto do texto sem desenvolver pensamentos defensivos (“Mas não entendo porque se importam com essas brincadeiras”, “deve ser coisa de criança”, “não se pode mais brincar no Brasil”, “não se estresse com isso, ignore”, “por que não mudam de casa?”), talvez seja por não estar tão contaminado com o pensamento ultraconservador vigente no país. Mas não se engane: de algum modo, você também é LGBTfóbico. Pois certamente terá sido impossível ser educado no Brasil sem ter recebido os valores da LGBTfobia.

E se a leitora ou leitor atua no campo museológico, cabe uma reflexão: o que você, como profissional de museus, tem feito em relação a esta questão? “Isso não faz parte da missão do meu museu”, nos respondeu certa vez um diretor de um museu público-federal. “Tenho medo de abordar o tema”, muitas diretoras e diretores tem nos dito ultimamente. “Os museus não devem se envolver com este tema, devemos nos ocupar com o que é cultural e patrimonial”, nos disse outro. E assim vai, sucessivos argumentos que revelam que nem sempre é necessário que o Estado pregue o ódio em políticas públicas. Os próprios agentes de cultura estão dispostos a mantê-lo.

De fato, nos mais distintos campos que se silenciam, aí está a Museologia. Majoritariamente indiferente ao extermínio, mas focada nos objetos glamorosos, o campo tende a ser meramente decorativo em relação às minorias políticas. Quanto a nós LGBT, nem mesmo nossos adereços a interessam: a ausência de ações sobre a questão LGBT nos mais de três mil museus do país é chocante quando se percebe a emergência do genocídio de pessoas LGBT.

Novidades no campo museológico, contudo, precisam ser lembradas.

No campo das políticas patrimoniais, o primeiro passo no Brasil foi a inclusão — a duras penas — da festa das Filhas da Chiquita no Inventário de Referências Culturais do Círio de Nazaré. No parecer favorável do Departamento de Patrimônio Imaterial, reconhece-se que “Há espaço também para a expressão dos grupos homossexuais que, na festa das filhas da Chiquita, homenageiam (e utilizam) Nossa Senhora de Nazaré a seu modo, para defender as causas” (Iphan, 2004, p.5). Outro exemplo foi o registro enquanto patrimônio imaterial municipal de Juiz de Fora do concurso Miss Brasil Gay (Decreto Municipal 9275/2007), o primeiro e único do país (BOITA, 2017). E acabou. O silêncio do Iphan e das secretarias estaduais e municipais barram editais interessados

Por uma Primavera nos Museus LGBT:
entre muros, vergonhas nacionais e sonhos de um novo país

na questão LGBT, inviabilizando a geração de inventários, pesquisas, dossiês ou outras medidas que contemplem nossas comunidades, como se nós não tivéssemos patrimônios próprios e não fizéssemos parte dos demais patrimônios nacionais. Quantos outros patrimônios das comunidades LGBT ainda estão no aguardo de seu reconhecimento e de sua salvaguarda?

Quanto aos museus do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), apenas dois envolveram-se em iniciativas que abordaram o tema. O primeiro foi o Museu das Bandeiras, na cidade de Goiás Velho, onde se promoveu a Semana do Bábado, em 2011, quando a museóloga Girlene Chagas Bulhões era a diretora. O segundo foi o Museu da República, quando em 2016 o poeta e museólogo Mário Chagas realizou uma exposição em homenagem aos 100 anos de Clovis Bornay – uma sensível exposição que trouxe a tona não apenas a sexualidade do museólogo e carnavalesco, mas sua humanidade e riqueza intelectual que marcaram a história do Brasil, recuperando-o de um ostracismo do campo museológico experimentado em vida. Chama a atenção que os editais do Programa Pontos de Memória incluíram diversos grupos minoritários, excetuando-se a comunidade LGBT. Do Ibram, foi somente isto.

Nas esferas estaduais e municipais, públicas ou privadas, pululam aqui e ali exposições ou atividades quando há algum diretor ou diretora com coragem e compromisso suficiente. Entre outros museus, destacam-se duas ações importantes: a primeira, do Museu de Favela (MUF), quando o Mestre Sidnei Tartaruga, então produtor cultural da instituição, associou-se à Revista Memória LGBT para identificar a memória na favela desta população, no que resultou na publicação em três revistas com exposições na série “Ser LGBT na Favela” (MEMÓRIA LGBT, 2015); outro exemplo ocorreu no Museu de Porto Alegre Joaquin Felizardo em 2016, quando a então diretora Leticia Bauer se associou ao Nuances, um dos mais antigos grupos pró-direitos civis LGBT do Brasil (GOLIN, 2017), para levarem adiante o belo projeto “Uma cidade pelas margens” (BARNART, BAUER, 2017). Houve, ainda, em 2017 a tão comentada exposição QueerMuseu, em espaço bancário privado, onde os resultados foram fatídicos. Já o MASP não se acovardou: levou adiante a exposição História da Sexualidade no mesmo ano em que os ultraconservadores passaram a se interessar por arte (ou pelo fim dela), obtendo uma das maiores bilheterias de sua história.

O Museu da Diversidade Sexual, em São Paulo, segue desde 2011 promovendo exposições sobre a comunidade artística LGBT e eventos diversos, configurando-se em um espaço altamente destacável sobre o tema, único no país mantido com fundos estaduais e amparado por um decreto de fundação.

Eventos acadêmicos do campo museológico também passaram a abordar o tema, sobretudo a partir de 2010, ano em que o Fórum Nacional de Museus contou com uma memorável palestra de Luiz Mott. No Fórum seguinte, profissionais de museus reuniram-se para a formação da Rede LGBT de Memória e Museologia Social do Brasil, atuante até hoje, em programação não-oficial do evento. Contudo, desde 2010, o Fórum Nacional de Museus segue atuando como se a questão LGBT e a situação que vivenciamos não existisse no país ou não fosse problema da Museologia e dos museus.

Por outro lado, o Encontro Nacional dos Estudantes de Museologia (ENEMU) de 2011, em Goiânia, ganhou uma mesa sobre a temática — desde então,

os Enemu passaram a abordar o tema a cada edição, assegurando seu caráter de vanguarda no conservador campo museológico.

Quanto aos eventos profissionais, é importante citar que o tema esteve presente no III Seminário de Museologia e Contemporaneidade (MUSCON), na Universidade Federal de Pernambuco, promovido pelo curso de Museologia de lá em 2013. Neste mesmo ano, o Seminário Brasileiro de Museologia LGBT, realizado no Rio de Janeiro pelo projeto Memória LGBT no Museu de Favela (MUF), onde se reuniu pela primeira vez pesquisadores de diversos campos, entre eles a Museologia, e militantes dedicados ao tema da Memória LGBT. O Museu da República, da mesma forma, tem promovido diversas mesas redondas abordando o tema desde 2014. O Seminário Intercultural e Internacional de Museologia (SIIM), promovido pela Universidade Federal de Goiás em 2016, também contou com mesas temáticas, talvez sendo o primeiro evento do campo da Museologia onde pessoas trans foram palestrantes oficiais.

Desde sua segunda edição, o Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus) tem recebido Grupos de Trabalho dedicados ao tema de gênero e sexualidade, mas foi em 2017 que o evento ganhou uma mesa redonda exclusiva sobre o tema, interessada especialmente na polêmica envolvendo o QueerMuseu, bem como contou com um Grupo de Trabalho sobre Gênero e Museologia e uma oficina sobre Gênero, Sexualidade e Museologia. Tanto a mesa redonda quanto a oficina devem-se à abertura sensível que a organização do evento manteve em relação ao tema, em especial a partir das preocupações acadêmicas e pedagógicas do professor Hugo Menezes, ao passo que o GT foi proposto pelas museólogas feministas Camila Moraes Wiches (UFG), Marijara Queiroz (UnB) e Ana Audebert Oliveira (Ufop). Em conjunto, o último Sebramus demonstrou que o tema LGBT é uma realidade no campo e possui a tendência de se desenvolver nos próximos anos, formando-se um ramo de pesquisa profícuo e aproximando o debate sobre sexualidade ao feminismo.

No campo do ensino de Museologia, muito pouco tem sido feito no Brasil. Há notícias de que professoras e professores incluíram a temática em suas disciplinas nos cursos de Museologia da UFRGS, Ufes, UnB, Ufop, UniRio, entre outras. Na UFG, criamos a disciplina optativa Museologia e Comunidades LGBT, comumente ofertada com grande adesão estudantil. Exposições curriculares também passaram a ser registradas: na UnB, com coordenação do professor Matias Monteiro, realizou-se a primeira exposição de fim de curso do Bacharelado em Museologia em 2015 — impecável, ainda há muito o que se pensar sobre aquela exposição; as duas últimas exposições curriculares do Bacharelado em Museologia da UFG (2016-2017), com supervisão do professor Tony Boita, foram dedicadas aos temas de gênero e sexualidade e atraíram um grande público ao Museu Antropológico da universidade; em 2017, foi a vez da UniRio realizar uma exposição curricular abordando a temática — não tivemos a oportunidade de conhecer esta experiência presencialmente e dela só ficamos sabendo pela internet.

Este ensaio, por si só, publicado nesta importante revista brasileira, também indica que novos tempos se abrem no campo da Museologia.

Mas sejamos sinceros: tudo isso é muito pouco, quase nada, mediante a magnitude do problema. É necessário algo mais volumoso, um engajamento mais

Por uma Primavera nos Museus LGBT:
entre muros, vergonhas nacionais e sonhos de um novo país

forte e comprometido do campo museológico com as políticas de combate ao preconceito em todas as esferas e, conforme o tema deste ensaio, à população LGBT.

O que queremos? Queremos uma Primavera dos Museus dedicada à temática LGBT. Uma ação coordenada da esfera federal, um posicionamento do Ibram, o cumprimento da missão da Museologia e dos museus, o entendimento que nos encaixamos nos Artigos 215 e 216 da Constituição Brasileira, bem como no Decreto Lei n. 25/37, somando-se ao direito de termos nossa memória e história salvaguardada, para bem tentar remediar as condições violentas que vivemos.

Mas não uma Primavera dos Museus sobre pluralidade, diferença ou qualquer outro conceito que, embora importantes, nos afastam da sigla vigente na política pública brasileira (LGBT). Certamente não se pode esquecer que nessa sopa de letrinhas cabem muitas outras possibilidades que variam conforme movimentos e contextos (FACCHINI, 2005). De fato, hoje nossa sigla poderia estar compreendendo algo como dez letras (LGBTTTTQIA). Mas isso já é difícil de mais de explicar para a grande população, que a capacidade de amar do ser humano é infinita, certamente a lhe faltar letras para compor uma sigla. É mais seguro, pedagógico e político ficar com a sigla oficial.

Aqui vale um alerta: existe um pensamento conservador que por ventura se disfarça de feminismo ou de negritude, que prega que a atenção à população LGBT e as múltiplas sexualidades é oposição à luta das mulheres e das pessoas negras. Militantes LGBT tendem a ser o militante ideal: lutam por todas as bandeiras. Quando nós resolvemos tratar apenas de nosso tema, somos considerados excludentes. Uma Primavera sobre a população negra, sobre indígenas e outra sobre mulheres já se realizou, o que deu novo fôlego para a pesquisa e reflexão sobre as temáticas, como bem apontam Oliveira e Queiroz sobre o impacto da Primavera dedicada às mulheres na produção nacional (2017). Defender uma Primavera com temática LGBT é somente mais um passo para incorporar nos museus uma outra minoria que ainda não teve vez neste importante evento.

Evidentemente, uma Primavera com foco na questão LGBT não exclui intersecções. Como bem aponta Wichers (2017, p.38) quanto a questão feminista na Museologia, um olhar decolonial pauta-se necessariamente pela interseccionalidade de marcadores sociais da diferença. Não é possível tratar o tema LGBT sem considerar que se somam a cada indivíduo outros marcadores que elevam seus riscos. Afro-gays, trans-mulheres-negras e afro-lésbicas, por exemplo, desfrutam de uma vulnerabilidade considerável, pois além de enfrentar a LGBTfobia, ainda confrontam-se com o racismo estrutural. “Entre as mulheres, sou negra, entre as negras, sou lésbica”, já apontou a poetisa Audre Lorde (GOULART, 2013). O mesmo se dá com a pobreza/classe, marcador sempre disposto a elevar a vulnerabilidade de qualquer indivíduo ou coletivo. É necessário levar adiante no país um debate amplo sobre o que é ser minoria entre a minoria, procurando valer-se da memória e do patrimônio como instrumentos para erradicação da violência.

Mas também é preciso expandir a ideia de intersecções nesta Primavera. Não se pode esquecer que a LGBTfobia, por si só, não distingue ninguém na

rua. Nem mesmo os heterossexuais. Basta recordar o trágico episódio em que dois irmãos gêmeos da classe média pernambucana foram espancados por oito homens por um estar com a mão no ombro do outro, em 2012, sendo que um deles teve sua cabeça esmagada por diversos golpes de pedra e concreto, o que lhe custou a vida – chamados de “mulherzinhas” enquanto eram espancados, os irmãos eram heterossexuais e seus assassinos começam a deixar a prisão em 2017 inocentados por juris populares em um país onde homofobia não é criminalizada mas sim estimulada pelo sistema judiciário. Em outras palavras, uma Primavera dos Museus LGBT não se ocupa apenas da população que a sigla engloba, mas, sim, do risco que todas as pessoas brasileiras vivenciam. Pois o ódio é como os vírus: não escolhe quem ataca, pois só deseja destruir de modo irracional, sem fundamento, sem compaixão, com frieza e estupidez.

Uma Primavera dos Museus LGBT trará a oportunidade de *tirar do armário* personalidades históricas de nosso país, célebres figuras que mesmo depois de mortas continuam sofrendo com a LGBTfobia — dessa vez sendo os museus seus *armários*.

Mas também não pode ser uma Primavera dedicada apenas aos nomes da elite intelectual ou artística do país. A memória a ser retomada, com maior poder de persuasão em relação ao preconceito violento, é aquela que revela que o Brasil foi também construído por anônimos LGBT. Certamente foi difícil para Mário de Andrade sofrer com o preconceito que a sociedade paulistana lhe imputava (BAPTISTA; BOITA, 2015), assim como Cazuzu foi derrotado apesar de todo o conforto e recursos que desfrutou no enfrentamento ao HIV. Mas o que não dizer sobre a realidade dos milhares de indivíduos que vivenciaram a LGBTfobia sem recursos financeiros, sem inserção social e sem acesso a um sistema de saúde qualificado para atendê-los? Ao se adentrar nessa esfera anônima, encontra-se o poder solidário das comunidades LGBT espalhadas pelo país, a formarem torcidas de futebol (BOITA, 2014), a constituir clubes sociais (SOLIVA, 2016), a gerar casas de abrigo para pessoas trans (FERNANDES, 2014), entre centenas de outros exemplos de comunidades LGBT. Nessas articulações, nascem redes solidárias que provam a potência das comunidades LGBT mesmo diante das forças contrárias e esmagadoras de um país inteiro. Bom exemplo disso, conta-se pelo Rio de Janeiro, foi o funeral da Marquesa, célebre transformista carioca. O padre questionou onde estava a família da morta, ao que a trans Rogéria teria respondido: “A família somos nós”. É nesse “nós”, pronome carregado de solidariedade e resistência, onde reside a maior potência da memória LGBT em um país cada vez mais incapaz de constituir relações comunitárias.

Para os museus de caráter social, uma Primavera dos Museus com o tema focado na população LGBT propiciará avanços teóricos e práticos da museologia social, sociomuseologia, museologia comunitária e/ou ecomuseologia. Até o momento, esta esfera mais solidária da Museologia se mantém em silêncio quanto aos LGBT do território em que atuam, não raro compactuando com a perpetuação do preconceito — entre exceções, temem perder o apoio das lideranças e grupos com os quais se vinculam, e quando o confessam, acabam por indicar sua conexão com ultraconservadores populares. Como evidência, basta conferir as metodologias e aplicações de inventários participativos, nenhum a contemplar a questão LGBT. Não é mais possível considerar que um museu de caráter social não inclua o lugar ou não-lugar de seus membros LGBT. “A museologia

Por uma Primavera nos Museus LGBT:
entre muros, vergonhas nacionais e sonhos de um novo país

social”, conforme lembram Chagas e Gouveia (2014, p. 17), “está comprometida com a redução e desigualdades sociais; com o combate aos preconceitos; com a melhoria da qualidade de vida coletiva; com o fortalecimento da dignidade e coesão social; com a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu a favor das comunidades populares, (...) incluindo aí, o movimento LGBT...”. Excluída entre os excluídos, a população LGBT precisa ser considerada pela Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC), pelos Pontos de Memória (onde já se encontra um esforço considerável, sobretudo entre os Pontos Pioneiros) e outras iniciativas comunitárias do gênero. São, de fato, tipologias de museus fundamentais no combate à LGBTfobia justamente por estarem instalados no seio das comunidades populares nacionais onde a violência física e simbólica é escancarada.

Uma Primavera dos Museus LGBT não pode reforçar os estereótipos existentes sobre essa comunidade. Muito comum tem sido no Brasil partir para representações com foco na glamorização da comunidade trans, por exemplo. De fato, somos mais palatáveis aos olhos quando *montadas*, quando travestidos no palco, quando divertindo, descontraindo. Mas esta dimensão é apenas uma das tantas existentes em nossos cotidianos. A exposição “Musas de Cabo Verde”, da fotógrafa Juliette Brinkmann, é um bom exemplo de como abordar a população trans sem cair em sua fetichização: nas fotografias expostas, vemos os bastidores da vida trans quando *desmontadas*, vivendo em seus barracos, desfrutando da miséria que os países africanos, tão semelhantes ao nosso, relegam às pessoas trans.

Uma Primavera de Museus LGBT é a oportunidade para abertura de novos estudos, para o despertar de novos museólogos, historiadores, antropólogos, profissionais da saúde, matemáticos, enfim, cientistas que venham a se dedicar ao tema e mudar a realidade dos lentos passos da produção intelectual. Ainda, esta proporcionará uma retomada aos clássicos da memória LGBT do Brasil, hoje pouco lembrados em virtude do modismo colonialista que distorções da teoria Queer geraram — tornou-se até mesmo possível encontrar estudos onde não há autores brasileiros citados, numa clara demonstração de colonialidade. É preciso retomar autores capazes de retratar as bases da formação do Brasil no que concerne à LGBTfobia, tal qual Trevisan (2002), Mott (1994, 2010), Vainfas (1989, 1995), entre outros, bem como os brasilianistas estrangeiros que se dedicaram ao tema, tal qual Fry (1982a, 1982b) e Green (2000), de modo que não se pense estar inventando a roda.

Uma Primavera dos Museus LGBT dará apoio a todas instituições que desejam abordar o tema mas temem fazê-lo isoladamente, sem a chancela do Estado, assim como estimulará quem ainda nem mesmo pensou sobre o assunto a ventilar a mente e seus acervos.

Uma Primavera nos Museus LGBT é uma oportunidade para os museus brasileiros conectarem-se a um movimento internacional, onde em boa parte do globo se vê nascer novas instituições e exposições dedicadas ao tema (BAPTISTA; BOITA, 2017; PINTO, 2012).

Uma Primavera dos Museus LGBT exige debate, formações e treinamentos da equipe do Museu. De modo a não incorrer em incidentes onde se vê profissionais de segurança, limpeza e até mesmo de altos cargos destratando a

população LGBT no cotidiano dos museus.

Uma Primavera dos Museus LGBT é uma possibilidade de rever e ressignificar os acervos e discursos museológicos. Quantos objetos ali não podem ser entendidos como bens culturais LGBT do país? Tanto em seus conteúdos, em suas formas ou em suas autorias, quantas memórias exiladas (BRUNO, 2005) ali não estão?

A cadeia operatória da Museologia também pode ser positivamente afetada por uma Primavera dos Museus LGBT. Esta proporcionará uma renovação das ações museológicas da instituição. As ações de comunicação (Ações educativas e Expografia) priorizarão o diálogo e o respeito. Será importante somar parcerias, além de promover ações que impulsionem a dignidade humana a estas pessoas com atividades que envolvam a saúde, a educação e a cidadania. É importante não se esquecer de utilizar o Nome Social no tratamento das pessoas travestis e transexuais. Na impossibilidade do desenvolvimento de ações educativas, sugere-se a criação de um mapa simples que aponte os elementos pertencentes à história e memória LGBT. No que tange à salvaguarda (Conservação e Documentação), valorizar o bem cultural tal qual a qualquer outro sem omitir as informações que afirmam sua sexualidade — como bem aponta Flávio Amaral, “é grande a possibilidade de objetos, acervos e coleções possam ter essa relação com o universo LGBTTTQ escamoteada, esquecida ou ignorada” (AMARAL, 2014, p.247). Até mesmo as legendas dos acervos podem ser revistas e problematizadas a partir dessa Primavera — como bem observou Beth Fernandes, militante transexual de Goiânia, mediante as ossadas do “Homem do Rio das Almas” no Museu Antropológico da UFG: “Quem garante que ele era um homem?”, perguntou, “se meus ossos um dia forem parar no museu, serei chamada de homem?”

De fato, uma Primavera dos Museus LGBT pode ser uma chance dos museus brasileiros entenderem que, conforme Butler (2003), a cobrança de coerência entre sexo-gênero-desejo e prática sexual em uma sociedade de matriz heteronormativa leva a uma coerção violenta de seus dissidentes, tornando-os socialmente abjetos em discursos e práticas de ódio, resultantes incompatíveis com os princípios éticos que regem os museus. Em outras palavras, sempre que um museu insiste em negar ou escamotear a existência de dissidentes, está, ao fim, compactuando com a violência.

Uma Primavera nos Museus LGBT é em primeira pessoa. Não é possível repetir-se o movimento de que se viu em outras Primaveras dedicadas a outras minorias, onde mais uma vez a parcela dominante da sociedade se fez protagonista. Será uma oportunidade para o movimento social, pesquisadores, moradores do entorno das instituições, entre outros, de darem seu recado, protagonizando seu tema. É preciso que as pessoas heterossexuais entendam que abrir este espaço não comprometerá seu lugar no mundo, absolutamente assegurado. Do mesmo modo, será necessária uma postura dialógica das equipes dos museus quando se depararem com indivíduos temerosos de revelar suas memórias, tal qual Pollak já demonstrou ter ocorrido entre homossexuais sobreviventes dos campos de concentração nazista (POLLAK, 1989, p.12-13).

Uma Primavera dos Museus LGBT precisa ser pedagógica, dialógica, interessada em alcançar o público geral. É preciso entender que ao se ganhar os

Por uma Primavera nos Museus LGBT:
entre muros, vergonhas nacionais e sonhos de um novo país

espaços de museus não se fará disso uma revanche, uma *lacração* que, ao modo de um espelho, refletirá o ódio existente na sociedade. É preciso encontrar caminhos que fujam da feitichização da comunidade LGBT, de estreitamento das ações a temas meramente polêmicos e de performances incompreensíveis ao público-alvo. Pois somente com uma postura pedagógica, comprometida com a educação e comunicação, é que uma Primavera será fértil na superação da violência.

Certamente esta Primavera não é a cura para as mazelas, mas é um passo a mais, em larga escala, no combate às desigualdades experimentadas por todos nós LGBT. É uma possibilidade pedagógica para promover a educação no Brasil em relação ao respeito, a tolerância, a solidariedade, os direitos civis e humanos que devem recobrir a todos, conforme termos constitucionais.

Uma Primavera nos Museus LGBT é uma possibilidade de se refletir sobre a ascensão ultraconservadora, hoje notoriamente marcante no país, onde uma extrema direita crê que somente exterminando o seu diferente (categoria sempre em expansão), se solucionará as questões graves da nação.

No último Seminário Brasileiro de Museologia, realizado em Belém (2017), a plenária da Rede de Professores e Pesquisadores do Campo da Museologia votou por unanimidade e sem abstenções o encaminhamento para o Ibram de que a Primavera dos Museus de 2018 aborde o tema LGBT. O encaminhamento nada mais é do que uma solicitação, cabendo ao Ibram e seu Conselho definir o tema da próxima Primavera. Particularmente, achamos bastante improvável que seja acatada tal solicitação, pois a pressão em seu entorno certamente não será pequena e haja coragem para enfrentá-la (nós bem sabemos). Mas o simples fato do campo museológico ter se manifestado a favor já implica em mais um grande avanço e um marco no campo museológico brasileiro.

Quanto ao muro pichado de nossa casa, pensamos em escrever abaixo “com orgulho”, mas ao final decidimos repintar de um azul cintilante, muito vivo. Onde antes estava a pichação, inserimos uma bancada de madeira acompanhada de uma plaquinha, onde se lê: “Frutas e livros para doação”. As frutas são o excedente de nosso fértil e generoso quintal, como manga, caju, pitanga e acerola. O livro ali posto foi Orlando, de Virgínia Wolf, também excedente de nossa biblioteca pessoal.

Até o encerramento da redação deste ensaio, o muro não voltou a ser pichado e apenas as frutas haviam sido levadas.

O livro, ainda, aguarda outras primaveras.

Referências

AMARAL, Flávio. OS QUATRO CAMINHOS PARA O LETE: O MERGULHO DE OBJETOS, COLEÇÕES E ACERVOS LGBTTQ NA DESMEMÓRIA. Anais II Seminário Internacional de Museologia, Goiânia, v. 1, n. 1, p.237-249, maio 2014. Disponível em: <http://files.semimufg.webnode.com/200000020-ac2a1ad25e/Anais_seminario_internacional_FINAL.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2018

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Memória e esquecimento LGBT nos museus, patrimônios e espaços de memória no Brasil. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 108-119, set. 2017. Disponível em: <https://www.seccsp.org.br/online/artigo/11547_JEAN+BAPTISTA+E+TONY+BOITA>. Acesso em: 10 jan. 2018.

_____. O diabo de Mário de Andrade: avanços e riscos para a memória LGBT a partir do debate sobre a sexualidade de Mário de Andrade. *Revista Memória Lgbt*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p.05-06, jun. 2015. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/00110559543451edc76c2>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

_____. Museologia e Comunidades LGBT: mapeamento de ações de superação das fobias à diversidade em museus e iniciativas comunitárias do globo. *Cadernos de Sociomuseologia*, [S.l.], v. 54, n. 10, July 2017. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5948>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

BARNART, Fabiano, BAUER, Leticia. «Sabia que Estaria Aqui»: Relatos sobre os Processos Criativos do Projeto «Uma Cidade pelas Margens». *Revista Latino Americana de Geografia e Gênero*, v. 8, n. 1, p. 438467, 2017.

BOITA, Tony. O Patrimônio Cultural LGBT: O Miss Brasil Gay (MG) e a Festa das Filhas da Chiquita (Pa). In: CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte; WICHERS, Camila Azevedo de Moraes; COLLAÇO, Janine Helfst Leicht (Org.). *Patrimônios culturais: entre memórias, processos e expressões museais*. Goiânia: Cegraf, 2017. p. 01-10.

_____. Torcidas LGBT Brasileiras. *Revista Memória Lgbt*, Goiânia, v. 1, n. 2, p.62-64, fev. 2014. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/00110559582f08554d0da>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. “Arqueologia e Antropofagia: A musealização de sítios arqueológicos”. *Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional*, n.31. p. 234-247. 2005.

BUTLER, Judit. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidades*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.

CHAGAS, Mario; GOUVEIA, Inês. *Museologia Social: reflexões e práticas*. In: *Cadernos do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina*. Ano 27, n. 41, dez. 2014, p. 9-21.

FACCHINI, Regina. *Sopa de Letrinhas*. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.

FERNANDES, Beth. Proteção e Acolhimento no Projeto Casulo. *Revista Memória Lgbt*, Goiânia, v. 1, n. 2, p.06-07, fev. 2014. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/00110559582f08554d0da>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

FERNANDEZ, Osvaldo. Homossexuais, cidadania e direitos humanos no Brasil. In: VENTURI, Gustavo (org.). *Direitos Humanos: percepções da opinião pública*. Brasília, Secretaria de Direitos Humanos, 2010.

FRY, Peter. Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei. In: *Caminhos cruzados: linguagem, antropologia e ciências naturais*. Brasiliense, 1982.

_____. *Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GARCIA, Agnaldo, SOUZA, Eloisio Moulin de. *Sexualidade e trabalho: estudo sobre a*

Por uma Primavera nos Museus LGBT: entre muros, vergonhas nacionais e sonhos de um novo país discriminação de homossexuais masculinos no setor bancário. *Revista Administração Pública* [online], vol.44, n.6, p.1353-1377, 2010.

GOLIN, Célio. Nuances 25 anos: uma trajetória inconformada com a norma. Poro Alegre, Nuances, 2017.

GOULART, Treyce Ellen. Entre as mulheres, eu sou negra, entre as negras, eu sou lésbica. In: *Revista Memória LGBT*. Novembro, 2013.

GREEN, James N. Além do Carnaval : a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Editora UNESP. São Paulo, 2000.

IPHAN. Parecer nº 01/2004. Brasília: Iphan, 2004

MOTT, Luiz. Bahia: inquisição e sociedade. Salvador, EDUFBA, 2010.

_____. Etno-História da homossexualidade na América Latina. Comunicação, 1994. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2017/02/04.-Luiz_Mott.pdf

_____; MICHELS, Eduardo; PAULINHO. Mortes violentas de LGBT no Brasil: RELATÓRIO 2017. Salvador, Grupo Gay da Bahia, 2017. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de; QUEIROZ, Marijara Souza. Museologia – substantivo feminino: reflexões sobre museologia e gênero no Brasil. In: *REVISTA DO CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO / Nº 5*, setembro 2017, p. 61-77.

PINTO, Renato. Museus e Diversidade Sexual: reflexões sobre mostras LGBT e Queer. In: *Revista de Arqueologia Pública*, v. 5, n. 1, 2012, p. 44-55.

REVISTA MEMÓRIA LGBT. Rio de Janeiro: Memória Lgbt, 2015. Disponível em: <www.memorialgbt.com>. Acesso em: 10 nov. 2017.

SOLIVA, Thiago Barcelos. Nas tramas da amizade: tensões e limites da sociabilidade em um grupo de “homens homossexuais” mais velhos, a Turma OK. In: *Sociedade e Cultura*. Goiânia, v.19, n. 2, 2016, p. 43-56.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Record, Rio de Janeiro, 2002.

VAINFAS, Ronaldo. Trópico dos Pecados. Rio de Janeiro, Campus, 1989.

_____. A heresia dos índios, catolicismo e rebeldia no Brasil colonial. São. Paulo, Companhia das Letras, 1995.

VENTURI, Gustavo. Intolerância à Diversidade Sexual. *Revista Teoria e Debate*, 2008.

WICHERS, Camila A. de Moraes. Narrativas arqueológicas e museológicas sob rasura. *Revista de Arqueologia*, [S.l.], v. 30, n. 2, p. 35-50, dez. 2017. Disponível em: <<http://www.revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/543>>. Acesso em: 12 fev. 2018.